

mundo de infância. Aqui a problemática maior é que um não se torna o outro e a tradução que se faz nem sempre dá conta dos significados em jogo. As pesquisadoras se dão conta do fato. Percebem que seus textos são uma interpretação, mas, nesse exercício, esbarram em muitos limites.

Como exemplo pode-se colocar a intensidade de recorrência dos autores básicos (por meio de citações) que chega, por vezes, a expor os sujeitos pesquisados quase como “desculpa” para deixar os autores falarem. É assim que se usa do autor, de forma nem sempre bem dosada, para falar da concepção de linguagem, de cultura, de criança, de infância. Por este motivo, vêem-se mais os fios da pesquisa expostos nas várias propostas (artigos) realizadas, do que propriamente seus desafios, embora estejam todos presentes nos contextos enfocados, revelando a extrema sensibilidade das pesquisadoras e a seriedade de seus trabalhos.

A pergunta de Algebaile (p. 147) “Onde essas vozes infantis *me* (grifo meu) fizeram chegar?” é importante, porque mostra que as autoras, no seu fazer, assumiram um lado qualitativo ímpar, que é a imensa plasticidade da criança para aprender, dispondo-se a aprender com elas. Dois pontos se destacam: aprender com/falar a partir de si mesmas e do mundo. A questão necessitaria ainda de um maior avanço, o de relativizar ou dimensionar a presença muito forte das autoras em todo o contexto descrito e analisado.

Os artigos entrelaçam histórias pessoais, trajetórias, percursos e vivências singulares, na vida e nas pesquisas de cada uma das autoras, daí todos os textos serem narrados na primeira pessoa resultando o aprender com as crianças, mas, não uma presença menor, mais relativa do próprio adulto no discurso. O lugar ocupado pelas pesquisadoras como lugar de onde se fala é ainda muito presente e intenso. Se a criança e suas muitas vozes levam o adulto a rever-se no sentido de re-aprender com ela a olhar o mundo, a contraface da questão exige ainda, muita reflexão - aqui brilhantemente iniciada pelas

pesquisadoras cariocas - para atingir os objetivos propostos. Sem dúvida, esta coletânea consiste numa publicação de primeira linha, inovadora e séria, cuja leitura se recomenda a todos, pedagogos ou não.

#### Nota

1. Fabietti, U. Sulla comprensione della differenza culturale: il punto di vista dell'antropologia. In F. Poletti, (org.) *L'Educazione Interculturale*. Florença, ed. Nuova Italia, 1992, p. 3-27.

#### JOGO, BRINQUEDO, BRINCADEIRA E A EDUCAÇÃO

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 1996, 183 pp.

---

*Patrícia Dias Prado\**

---

Lançando uma valiosa discussão sobre a natureza do jogo, suas manifestações e funções, esta obra contempla nove artigos de docentes e pesquisadores das áreas do ensino de Matemática, Pré-Escola, Meios de Comunicação de Ensino, Educação Especial e Psicologia Escolar, complementando, portanto, tal discussão, no que tange a utilização do jogo em áreas de ensino e de formação de professores.

No primeiro artigo, “*O jogo na educação infantil*”, Tizuko Morchida Kishimoto discute a natureza conceitual e o significado do jogo, assim como, sua apropriação no campo da educação, através de uma perspectiva histórica, que por sua vez, demonstra a amplitude dos fenômenos e suas significações. A autora também aponta para as especificidades dos termos brincadeiras, brinquedos, material pedagógico e jogo/brinquedo educativo, que carregam a dimensão da criança e delinham o espaço do trabalho docente.

---

\* Mestranda da Faculdade de Educação UNICAMP

Em *“Metáfora e pensamento”*, artigo escrito por Marina Célia Moraes Dias, a importância do jogo é enfatizada em termos de aquisição do conhecimento e suas implicações na educação pré-escolar. Partindo das referências de Arbid e Hesse sobre a relação do jogo e a gênese da metáfora, que na discussão teórica de Piaget, Bachelard e Vigotski torna-se o instrumento inicial da aquisição do conhecimento, a autora procura romper com a concepção positivista da linguagem, relevando a importância da construção simbólica dos homens, construída na relação com o outro e com a cultura.

*“A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário”*, como o próprio título revela, aborda tal modalidade de brincadeira, apontando para sua relevância, também dentro dos enfoques teóricos de Piaget e Vigotski. Neste terceiro artigo da coletânea, Edda Bomtempo reporta-se criativamente às concepções literárias do período romântico, apresenta algumas investigações sobre super-heróis e sobre os significados de brincadeiras com bonecas ressaltando, posteriormente, a importância do papel do brinquedo-objeto como suporte de ações e representações.

No quarto artigo, Manoel Oriovaldo de Moura aborda as possibilidades e importância do jogo na educação matemática, em especial *“A séria busca no jogo: do lúdico na matemática”* trata o jogo como produtor de conhecimento, visto como elemento cultural integrador na formação de conceitos. O jogo, portanto, além de material instrucional sustentador da aprendizagem, incorpora aspectos afetivos e ganha, assim, um atributo lúdico, que deve ser incorporado no projeto educativo.

Analisando a utilização do jogo, como recurso metodológico no trabalho com crianças em situação de risco, Sahda Marta Ide reforça a idéia, amplamente discutida no campo da educação e da psicologia, de

que erros de avaliação da capacidade de inteligência, rotulam as crianças de deficientes mentais leves e gera situações de fracasso. A autora, aponta para a necessidade de redefinição dos parâmetros básicos para uma avaliação do potencial de aprendizagem, atribuindo à utilização do jogo uma forma de intervenção cognitiva adequada para aumentar este potencial e reverter o fracasso escolar. Que a valorização do jogo na educação revela formas privilegiadas de apropriação de conhecimento pela criança e de seu desenvolvimento, não parece nos restar dúvidas. Entretanto, penso ser ponto complementar, neste quinto artigo: *“O jogo e o fracasso escolar”*, uma reflexão sobre qual a concepção de homem incorporada nos processos de avaliação de capacidade de inteligência, que antecede uma concepção de infância e que define o papel da educação, seus meios, seus agregados e seus excluídos.

Já no sexto artigo: *“O uso de brinquedos e jogos na intervenção psicopedagógica de crianças com necessidades especiais”*, Leny Magalhães Mrech aponta para as estruturas de alienação do saber como fonte primordial na produção do fracasso. Através de uma concepção pluricausal e dinâmica do processo de ensino-aprendizagem, a intervenção psicopedagógica atende necessidades específicas do aluno e traz para o debate, a necessidade de questionamento das estruturas que incorporam o processo de coisificação dos símbolos, gerador de preconceitos e reforçador de estereótipos.

Introduzindo uma discussão sobre a utilização do jogo no trabalho com deficientes mentais e algumas possibilidades, Maria Luisa Sprovieri Ribeiro também aponta para as concepções estereotipadas, agora em relação ao trabalho com deficientes mentais, que acabam por reforçar e reafirmar a deficiência. Partindo de uma abordagem psicogenética, este sétimo artigo: *“O jogo na organização curricular para*

*deficientes mentais*” aborda alternativas nos procedimentos de ensino, priorizando os aspectos da ludicidade na organização curricular, na busca de romper com práticas que reafirmam as impossibilidades dos deficientes mentais, negando atividades repetitivas e pouco desafiadoras.

“*Brincadeiras e brinquedos na TV para crianças: modificando opiniões de professores em formação inicial*”, artigo de Maria Felisminda de Rezende e Fusari, tem por objetivo, refletir sobre as práticas comunicacionais e educacionais de professores nas escolas, no que se refere à produção social sobre brinquedos e brincadeiras, no âmbito da comunicação televisiva. O “Xou da Xuxa” é o programa escolhido para a investigação e possibilita aos professores em formação questionarem e posicionarem-se sobre os reflexos dos modos de brincar. Mais do que isto, este oitavo artigo aponta para a realidade comunicacional e midiática em que vivemos e abre caminhos para a necessidade de outras formas de investigação e pesquisa sobre a incorporação do lúdico na TV.

Finalmente, Heloisa Dupas Penteado trata, no nono e último artigo: “*Jogo e formação de professores: videopsicodrama pedagógico*”, da formação, do que chamou “professores-alunos”, aqueles capazes de “significar” seu trabalho, através do videopsicodrama pedagógico (uma modalidade do jogo dramático). De forma mais específica, o jogo é aqui concebido como recurso libertador do imaginário e da espontaneidade, possibilitando a emergência de novas discussões e criações, além de facilitador na compreensão de dificuldades em situações de ensino-aprendizagem.

Referencial para aqueles que, de alguma forma, interessam-se pelas questões relativas ao jogo e à educação, pedagogos, antropólogos, linguístas, etc., o conjunto de artigos que englobam esta obra, vêm apontar para estudos atuais, análise de paradigmas teóricos, discussão de pesquisas, alternativas e possibilidades, que explicitam o jogo e o valoriza “como uma ação

metafórica, que contribui para o desenvolvimento integral da criança e propicia a construção do conhecimento”.

### **CRIANÇA: DO REINO DA NECESSIDADE AO REINO DA LIBERDADE**

ARAÚJO, V. C. *Criança: do Reino da Necessidade ao Reino da Liberdade*. Vitória (ES): EDUFES, 1996, 164 pp.

---

*Magali dos Reis Fagundes\**

---

O título deste livro de Vânia Araújo é bastante sugestivo, e já de início nos indica o que vem pela frente. Isso mesmo!!! É uma análise marxista da infância de crianças de 8 a 12 anos. Este estudo envolve um grupo de crianças - trabalhadoras e não trabalhadoras - que frequentam escolas públicas, um grupo de crianças de classe média de uma escola particular e um grupo de crianças que vive em ambientes abertos não-institucionais, neste caso a rua.

A fundamentação teórica do estudo parte da economia-política para analisar a situação social da infância na sociedade brasileira. A autora trabalha conceitos como a expropriação de adultos e crianças frente à natureza humana, a alienação do trabalho, o cotidiano da classe trabalhadora e o efeito massificador do capitalismo.

O livro ainda contempla a manifestação do lúdico na vida da criança e a possibilidade da passagem da criança do reino da necessidade ao reino da liberdade.

Neste sentido a autora busca constantemente uma abordagem dialética sobre a infância. O livro está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro intitulado: “Um olhar fragmentado sobre a criança: a inocência como âlibi do adulto”, onde a autora procura “explicar em que medida a divisão do trabalho

---

\* Mestranda da Faculdade de Educação-UNICAMP